



2

*Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez**

Ancestrality, Intersectionality, African-American Feminism and Other Memories about Lélia Gonzalez

Dione Oliveira Moura** e Tânia Mara Campos de Almeida***

* Recebido em: 09.03.2019. Aprovado em: 15.10.2019

** Graduada em Jornalismo, com Especialização em Jornalismo Político, Mestrado em Comunicação, Doutorado em Ciências da Informação e estágio de Pós Doutorado em Ciências da Informação e em Sociologia. Docente da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

*** G graduada em Ciências Sociais, mestra e doutora em Antropologia, docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB).

Resumo: O legado intelectual, político-social e afetivo deixado pela antropóloga e ativista Lélia Gonzalez tem se multiplicado nas relevantes referências que jovens mulheres, especialmente negras, dela possuem em suas formações acadêmicas, profissionais e militantes atuais. Em busca de identificar os processos que constituem esse destacado lugar simbólico, revelando sentidos a eles atribuídos por jornalistas negras e outros grupos sociais brasileiros, o presente artigo se norteou e estruturou a partir das seguintes questões: Como podem ser cartografados lugares de memória da Lélia González? O que revela essa cartografia? Quais lugares de memória afluem como entroncamentos de maior sentido e visibilidade dentro dessa cartografia? A ancestralidade, amefricanidade e feminismo afrolatinoamericano foram os três principais núcleos memoriais encontrados e, portanto, descritos e analisados como resultados desta reflexão.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez, memória, feminismo negro; interseccionalidade

Abstract: The intellectual, political-social, and affective legacy left by the anthropologist and activist Lélia Gonzalez has multiplied in the relevant references that young women, especially black women, have in their current academic, professional, and militant backgrounds. In order to identify the processes that constitute this outstanding symbolic place, revealing meanings attributed to them by black journalists and other Brazilian social groups, this article was guided and structured by the following questions: How can Lélia González's memory locations be mapped? What does this cartography reveal? Which places of memory flow as junctions of greater meaning and visibility within this cartography? Ancestry, amefricanity and African Latin American feminism were the three main memorial centers found and, therefore, described and analyzed as results of this reflection.

Keyword: Lélia González; memory; black feminism; intersectionality.



¹Este artigo é apenas parte constituinte de pesquisa mais ampla, intitulada: “As Comissões de Igualdade Racial/Cojira dos Sindicatos dos Jornalistas: perfil e atuação das jornalistas negras por meio das comissões Cojira e a feminização do jornalismo”, iniciada em 2016, com término previsto para 2021. Durante os anos de 2018 e 2019, foi desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB, sendo o ano de 2018 de estágio pós-doutoral sob supervisão da professora Dra Tânia Mara de Almeida Campos. Nos demais anos, a pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UnB e sob responsabilidade da primeira autora. O objetivo da pesquisa é desenhar o perfil e a trajetória de jornalistas negras brasileiras.

Apresentação

O presente artigo é resultado de reflexões a respeito das memórias de militância por parte de jornalistas negras brasileiras. Em busca de identificar e compreender os conteúdos constitutivos dessas memórias de militância¹, foi feita uma incursão a campo empírico junto ao evento Ser negra 2018. Nesse processo de coleta de dados e interação social, surgiu o nome da antropóloga e ativista do movimento negro Lélia González como referência afetiva e política central dentre as jovens interlocutoras - foi, inclusive, destacado como o principal nome do feminismo negro no país por elas.

A eminência de Lélia González em várias áreas de saber e atuação política já vem sendo reconhecida no país e no exterior desde seu falecimento em 1994. Em linhas gerais, sua biografia tem sido assim descrita: mineira, de Belo Horizonte (MG), morre aos 59 anos no Rio de Janeiro (RJ), onde esteve a maior parte da vida. Graduada em história e filosofia pela Universidade do Estado da Guanabara (UEG, atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ), mestra em comunicação social e doutora em antropologia, foi professora da rede pública, do ensino médio no Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (UEG) e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde chefiou o Departamento de Sociologia e Antropologia. Contribuiu com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e do Olodum. Integrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), de 1985 a 1989. Foi candidata

a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ficando como primeira suplente. Nas eleições de 1986, candidatou-se a Deputada Estadual e Deputada Federal pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), ficando novamente como suplente.

Embora se saiba das múltiplas inserções intelectuais, políticas e em movimentos sociais da Lélia González, articulando sempre lutas mais amplas da sociedade brasileira com a demanda da população negra e, em especial, das mulheres negras, ter conhecimento da sua importância para jovens jornalistas negras aguçou a curiosidade das autoras deste artigo, o que fez emergir algumas questões norteadoras de pesquisa: Como podem ser cartografados lugares de memória da Lélia González? O que revela essa cartografia? Quais lugares de memória afluem como entroncamentos de maior sentido e visibilidade dentro dessa cartografia?

Para responder a essas perguntas, o presente artigo se estrutura em três grandes seções. A primeira se refere ao embasamento teórico-metodológico do trabalho de campo no referido evento e, também, no círculo profissional/militante e familiar da pensadora-ativista. Essa seção se volta, ainda, a relatar as estratégias de obtenção, sistematização, descrição e análise dos dados empíricos. Na segunda seção, apresenta-se o levantamento bibliográfico e documental sobre a pensadora, trazendo à tona sua face mais referenciada entre o grupo estudado. Na seção três do artigo, a triangulação de resultados é elaborada, evidenciando-se os sentidos de existência da Lélia González, instaurados via sua apropriação afetiva, cognitiva e prática, além de instaurados na luta



²Disponível em <https://www.even3.com.br/sernegra2018/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

³*Mulherio* foi um jornal alternativo feminista brasileiro, publicado entre 1981 e 1989, no contexto da abertura política pós-ditadura militar. Lélia González foi uma de suas colaboradoras.

⁴ As entrevistas foram realizadas por telefone nos meses de maio e junho de 2019, a partir de um roteiro básico de tópicos em torno da pessoa Lélia Gonzalez (carreira, militância, modo de vida, bandeiras, modo de trabalho) e do convívio da pessoa entrevistada com Lélia (aspecto em que eram incluídas perguntas específicas sobre essa experiência), com espaço para novas perguntas à medida em que a entrevista era desenvolvida.

por mantê-la viva. Os conceitos de *vigilância comemorativa*, *lugares de memória* e de *combate ao trabalho do esquecimento* de Pierre Nora (1993), foram inspiradores a essas reflexões.

Desenho Teórico-Methodológico

Nesta seção, expõe-se o desenho teórico-metodológico da pesquisa, a qual foi propriamente desenvolvida em quatro etapas, sendo três delas de coleta, organização e análise do material empírico e documental. A última foi destinada à triangulação metodológica, adotada como estratégia de condução e análise dos dados, considerando que “a triangulação não consiste unicamente em utilizar duas ou mais ferramentas, mas também envolve uma análise conjunta dos dados” (ÁLZAS e GARCIA, 2017, p. 399).

A revisão de literatura e seleção documental em acervo digital e videográfico compreenderam a Etapa 1, que ocorreu simultaneamente às Etapas 2, aplicação de questionário junto a jornalistas mulheres e negras, além de observação de campo, e 3, realização de entrevistas com pessoas do núcleo familiar ou do círculo profissional e de militância de Lélia Gonzalez.

A revisão de literatura foi elaborada a partir de vertentes teóricas que foram chave de compreensão à pesquisa desde seu início, as quais incluem, como os principais fundamentos, os estudos de gênero (DE LAURETIS, 1986; ARRUDA, 2000), a ideia de interseccionalidade (GONZALEZ, 1981; CRENSHAW, 1984 e 1989; VIGOYA, 2016) e o conceito de lugares de memória (NORA, 1993). Essas vertentes serão apresentadas nos itens seguintes.

Na Etapa 2, foi feita a aplicação de questionários a 13 jornalistas negras participantes do evento Sernegra 2018, jovens adultas entre 20 e 39 anos. Em sua sétima edição (2018), o Sernegra trouxe como tema central “descolonizar o feminismo”, proporcionando reflexão sobre temas, para além daqueles oriundos do feminismo branco do norte global, e enfrentamento das questões raciais e de gênero no mundo. Esse evento é realizado pelo Instituto Federal de Brasília (IFB), com apoio do Núcleo de Estudos Linguagem e Sociedade (NELiS) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) da Universidade de Brasília (UnB)². Normalmente ocorre no mês de novembro e integra o calendário nacional da conscientização da história e da cultura negra no país.

Como resultado desses questionários, elencamos as palavras e os termos mencionados com maior frequência e expressividade por meio dos quais as respondentes se referiram à Lélia González, ao serem indagadas sobre o que o nome Lélia Gonzalez significa para elas. Essas palavras e termos foram: liderança intelectual, militante/militante afrocentrada, estudos de pós-graduação, o jornal *Mulherio*³, “pretuguês”, ativismo, movimento de mulheres, mulher/es negra/s, MNU, raça, racismo, gênero, feminista negra, feminismo negro. Esse conjunto se tornou o ponto de partida para investigações mais profundas e comparadas nas outras etapas do desenvolvimento metodológico, sendo uma bússola a direcionar o trabalho cartográfico.

Na terceira etapa de pesquisa, foram feitas entrevistas com pessoas do núcleo familiar e do convívio profissional de Lélia Gonzalez, também iniciando-as com a mesma indagação⁴, e, ao se



⁵ Disponível em:
<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez>. Acesso em: 05 set 2018.

observar as palavras e os termos mais mencionados e expressivos, chega-se a uma lista semelhante. Afinal, não apenas pesquisadores/as, intelectuais e ativistas que não conheceram pessoalmente Lélia González tomaram-se do dever de juntarem-se ao que aqui se identifica como atos de “vigilância comemorativa”, pessoas do convívio familiar e profissional de Lélia também o fizeram.

Cinco pessoas participaram dessa etapa: dois familiares, Rubens Rufino (RUFINO, 2019), economista, filho de Lélia González, e Melina Marques (MARQUES, 2019), historiadora, neta de Lélia González; duas pessoas do Movimento Negro Unificado, MNU, Jacira Silva (SILVA, 2019), jornalista, integrante e fundadora do Movimento Negro Unificado do Distrito Federal, e Domingos Olímpio (OLÍMPIO, 2019), artista plástico, do MNU do Distrito Federal e do Rio de Janeiro; e, por fim, a autora da proposta de criação do Projeto Memória Lélia González, Schuma Schumacher (SCHUMACHER, 2019), coordenadora executiva da ONG Rede de Desenvolvimento Humano, Redeh⁵, com sede no Rio de Janeiro (RJ).

Destaca-se precisamente essa iniciativa, o *Projeto Memória Lélia Gonzalez*, para os objetivos da pesquisa. O papel desse projeto foi abordado em três das entrevistas: com o filho Rubem Rufino, com a neta Melina Marques, historiadora que também trabalhou nesse Projeto Memória, e com a sua idealizadora, Schuma Shumacher.

Estudos de gênero e interseccionalidade

Como enfoques teóricos norteadores da pesquisa, afundamos no campo dos estudos de gênero, o qual foi considerado categoria analítica (DE LAURETIS, 1986, SCOTT, 1995; ARRUDA, 2000; BANDEIRA e ALMEIDA, 2013). Ainda no campo dos estudos de gênero, adotou-se a perspectiva da interseccionalidade, que contribui para se compreender a condição da mulher negra na sociedade a partir das múltiplas e entrecruzadas opressões que incidem em sua realidade e nos seus processos de subjetivação, complexidade apontada fortemente por Lélia González. Em particular, a interconexão entre discriminações e desigualdades da ordem de gênero, raça e classe tem sido fundamental para se apreender a historicidade das mulheres negras na América Latina, diante do longo histórico de colonialidade que constitui todo o continente.

O termo interseccionalidade, em si, surgiu e se desenvolveu de modo mais sistemático nos anos 1960 e 1970 no meio sociológico e em afinidade com movimentos feministas de mulheres negras. Em 1980, a advogada Kimberlé Crenshaw o elabora e deixa operacional às novas teorias e ao ativismo, no “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”^{6Z}. Sua formulação emerge do questionamento de que as mulheres não compartilham as mesmas experiências de vida que as brancas de classe média, por estas terem maior facilidade em encaminhar suas demandas e reivindicações aos fóruns políticos, e, assim, elas não poderiam ser a representação do movimento feminista como um todo, uma vez que haveria subgrupos em



⁶ *Background Paper for the Expert Meeting on Gender Related Aspects of Race Discrimination*, traduzido em Estudos Feministas 1/2002 (pág 171 a 188). Em entrevista a Bim Adewunmi, tradução de Bia Cardoso (Blogueiras Feministas), publicada originalmente com o título Kimberlé Crenshaw on intersectionality: “I wanted to come up with an everyday metaphor that anyone could use”, no site New Statesman em 02/04/2014, Crenshaw afirma que o conceito não é novo. “Muitos dos antecedentes para formar esse conceito são tão antigos quanto Anna Julia Cooper e Maria Stewart no século 19 dos EUA, e continua seu caminho por meio de Angela Davis e Deborah King”, ela diz. “Em cada geração, em cada esfera intelectual e em cada momento político, existiram mulheres afro-americanas que se articularam a partir da necessidade de pensar e falar sobre raça através de lente que observe a questão de gênero, ou pensar e falar sobre feminismo que observe a raça. Portanto, esse conceito é uma continuidade disso”.

condições de múltiplas, co-constitutivas e invisíveis opressões, além da exclusividade das categorias de “gênero” e “raça”.

As autoras Bandeira e Almeida (2013) também atestam a pertinência da identificação de interseccionalidades nos estudos de gênero com fins de subsidiar políticas públicas ao destacarem a importância de manter a “produção e a divulgação de informações sobre as desigualdades de gênero e suas interseccionalidades, além de diálogo constante com o movimento feminista e de mulheres” (BANDEIRA e ALMEIDA, 2013: 42). Igualmente relevante, continuam, é subsidiar debates que visem o enfrentamento do racismo e do sexismo, tal qual proposto pelo evento Sernegra em sua sétima edição, em 2018.

A própria Lélia Gonzalez, nas décadas de 1980 e 1990, defendeu em suas reflexões, interlocuções, entrevistas e debates nos fóruns nacionais e internacionais (GONZALEZ, 1981; VIANA, 2006; BRITO, 2012) – embora sem utilizar o termo “interseccionalidade” – a articulação das dimensões raça, classe e gênero. Obras sobre abordagens históricas do feminismo, a exemplo do estudo de Mara Vigoya (2016: 5), reconhecem o pioneirismo das mulheres negras feministas brasileiras – militantes e intelectuais – como “Thereza Santos, Lélia González, Maria Beatriz do Nascimento, Luiza Bairros, Jurema Werneck, Sueli Carneiro, entre outras”, na elaboração da teoria da tripla opressão raça-classe-gênero.

Conforme, ainda, Mara Vigoya (2016), o termo interseccionalidade tem sido utilizado, há muito, enquanto caminho teórico e metodológico capaz de favorecer a observação de

entrecruzamentos e imbricações de relações de poder. Pode-se inclusive retroceder até mesmo por dois séculos para se localizar personalidades, como Olympia de Gouges, na França, que, ao redigir a “Declaração dos Direitos da Mulher”, em 1791, postulava a interseccionalidade no entendimento de analogias entre o que ocorria aos escravos e o que ocorria às mulheres. Já no século XX, Vigoya apresenta os marcos de rompimento entre o feminismo negro perante a hegemonia do feminismo defendido por mulheres brancas em função dos vieses impositivos de raça e gênero destas últimas.

A autora prossegue desenhando em pormenores as contribuições e enumera as críticas em torno do conceito de interseccionalidade – especialmente dirigidas à inclusão no conceito de dimensões como nacionalidade, religião, idade e diversidade funcional. Ela também historiciza o modo como o conceito adentrou, em épocas, ritmos e concepções diferenciados nos estudos feministas estadunidense, francófono e latinoamericano. De todo modo, enfatiza a necessidade de se trazer a interseccionalidade à formulação de perguntas em torno de nossos temas e objetos de estudo.

Hoje, o emprego do termo tem se estendido a afirmar que tanto as vidas das mulheres submetidas a sistemas interrelacionados de poder, como as formas próprias de resistência e superação das discriminações por parte delas, estariam fortemente moldadas pelas condições imbricadas de gênero, raça, classe, sexualidade, religião e até mesmo outros marcadores sociais a depender da situação em análise (ALMEIDA, 2019).

Etapa de revisão da literatura e levantamento documental



⁷ Buscas realizadas no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES <[http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/) entre novembro de 2018 a maio de 2019.

⁸ Nota do Editor: Extraído de depoimento dado a Carlos Alberto M Pereira e Heloisa Buarque de Hollanda, publicado em *Patrulhas Ideológicas*. São Paulo: Brasiliense, 1980

O processo de revisão da literatura e pesquisa documental no acervo digital e videográfico sobre a pensadora-ativista, Etapa 1, guiou-se pela busca em compreender como viabilizar a cartografia dos *lugares de memória* Lélia González e o que tal revisão traria de novidade ao que já se sabe a seu respeito.

Com base nas palavras obtidas por intermédio do questionário respondido pelas jornalistas do evento Ser Negra 2018 (Etapa 2), somadas àquelas que foram obtidas com base na leitura de textos sobre Lélia González e dela própria, no primeiro momento, foi feita uma incursão em portais acadêmicos e no catálogo de teses e dissertações da CAPES⁷. Em seguida, um rastreamento de documentos foi feito em seu acervo digital (Etapa 2), no canal de vídeos *youtube*, no Portal Projeto Memória Lélia González e em outros espaços nos quais ela atuou, como a Escola Parque Lage (RJ) e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).

Todo esse levantamento foi guiado pelas seguintes palavras e expressões que se tornaram, nessa etapa, chave à revisão de literatura e documental: Lélia Gonzalez, Mulherio, MNU, Movimento Negro Unificado, feminismo negro, feminismos afro-latino-americanos, amefricanidade, amefricanizar, amefricana, améfrica, intelectuais negras, intelectual negra, Nzinga, pretuguês, lugar de negro, ativismo negro e movimento de mulheres.

Por meio dessas estratégias de buscas sequenciais, nas quais uma obra, uma autora, um autor, etc. abria mais um ponto na rede de conhecimento sobre Lélia Gonzalez, uma bibliografia básica de referência central à pesquisa foi se definindo e também foi iniciando

um esboço de alguns lugares de sua memória. Esse material foi composto tanto por fontes primárias de obras e documentos produzidos por ela mesma (GONZALEZ, 1982; GONZALEZ, 1988a; GONZALEZ, 1988b; GONZALEZ, 1988c) quanto por estudos – dissertações, artigos científicos, livros – e biografias acerca da sua obra e vida (GONZALEZ, 1994⁸; BAIROS, 2000; BARRETO, 2005; VIANA, 2006; CHAVES, 2008; RATS, 2010; RATS e RIOS, 2010; BRITO, 2012; TEIXEIRA, 2017; GONZALEZ, 2018).

Além disso, estudos sobre feminismo negro, feminismo afro-latino-americano, movimento de mulheres negras, intelectuais negras, escritoras negras colaboraram sobremaneira com a formação dessa bibliografia básica (BAIROS, 1995; RIBEIRO, 1995; OLIVEIRA, 1997; ARRUDA, 2000; CARNEIRO, 2003; SILVA, 2005; SANTOS, 2007; SCHUMACHER, 2007; MOREIA, 2007; CHAVES, 2008; SANTOS, 2009; BORGES, 2009; PERRY, 2009; CALDWELL, 2000; CALDWELL, 2010; CARDOSO, 2012; CESTARI, 2014; SOUSA, 2014; BATISTA, 2016; LEMOS, 2016; FREITAS, 2017).

Ressaltam-se aqui as cinco dissertações diretamente relacionadas à obra de Lélia Gonzalez (BARRETO, 2005; VIANA, 2006; BRITO, 2012; FERNANDES, 2016; TEIXEIRA, 2017). Dessas, a dissertação pioneira, sobre Lélia, é de 2005: “Enegrecendo o Feminismo, ou Feminizando a Raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia González”, de autoria da historiadora Raquel de Andrade Barreto (BARRETO, 2005) e vinculada ao Programa de História Social da Cultura da PUC/Rio.



Foi também identificada outra dissertação de mestrado, nesse caso, em História Comparada da UFRJ, de autoria da cientista social Elizabeth do Espírito Santo Viana, “Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais, Pensamento de Lélia Gonzalez, 1970-1990” (VIANA, 2006). Essa obra traz aspectos centrais da questão da representação de Lélia na memória coletiva do Movimento Negro, das pessoas negras, da militância negra no Brasil, pois discute três aspectos centrais da obra e do pensamento, do posicionamento intelectual, político e militante de Lélia Gonzalez: relações raciais, gênero e movimentos sociais. A terceira dissertação é a de Iris dos Anjos Brito, “Revisitando os percursos intelectuais e políticos de Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez” (BRITO, 2012), defendida junto ao Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A quarta dissertação é de Fernandes, “Vozes subalternas: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil” (FERNANDES, 2016), defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de São Paulo. E, por fim, a quinta dissertação, por ordem cronológica de publicação, conforme a apresentação das anteriores, foi defendida no mestrado em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, de Patrícia Teixeira (TEIXEIRA, 2017), a qual traz uma revisão das referências e da gestão do Projeto Memória de Lélia Gonzalez.

De Alex Ratts e Flávia Rios (2010), uma das obras que biografam postumamente Lélia Gonzalez, destaca-se um extrato, no qual se percebe o fluxo da busca e construção dos seus *lugares de memória*. Dizem no prefácio:

Os autores deste livro [Alex Ratts e Flávia Rios] não conheceram pessoalmente a biografada [Lélia Gonzalez]; o contato foi apenas com o trabalho da intelectual e ativista. Cada um, na sua vida acadêmica e de militante, foi descobrindo os textos de Lélia Gonzalez, participando ou organizando eventos em que seu pensamento era discutido. Assim, nas pesquisas e nos encontros, percebemos que havia um público imenso e desejoso de conhecer a vida e a produção intelectual de Lélia Gonzalez (RATTS e RIOS; 2010, p. 15). [Inserção de notas entre colchetes feita pelas autoras].

Outro exemplo de dedicação ao registro e reconhecimento da trajetória de Lélia González é o artigo publicado como homenagem póstuma, no mesmo ano do seu falecimento – 1994 – e publicado – com todo sentido perante a carreira de militância de Lélia - na revista *Estudos Feministas*, com o título “Homenagem a Lélia Gonzalez. Lélia por Lélia” (GONZALEZ, 1994). Ainda outra coletânea póstuma de textos da autora é “Primavera para as rosas negras: Lélia González, em primeira pessoa” (GONZALEZ, 2018), organizada pela União dos Coletivos Panafricanistas (UCPA):

O livro é uma publicação inédita, pois apesar de existirem seminários e textos diversos sobre a intelectual, nunca havia sido lançado uma obra em primeira pessoa com um compilado de produções suas. A ideia partiu da UCPA (União dos Coletivos Panafricanistas), que editou e organizou o livro.

“Temos como objetivo difundir o pensamento de Lélia, uma das mais sofisticadas e completas ativista do movimento”, afirmou o coletivo, em nota.

“Não tínhamos um livro em primeira pessoa da Lélia, e era essa uma vontade muito profunda minha”, desabafou Raquel Barreto, historiadora e especialista em Lélia Gonzalez, durante sua fala.

“Hoje o livro existe, e estamos muito felizes. Precisamos manter vivos os pensamentos de Lélia, que muito



⁹ Geledés Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

colaboram para a grande luta do movimento negro”, concluíram. (ALMA PRETA JORNALISMO, 2018).

As etapas de revisão bibliográfica e de busca a múltiplos acervos digitais, assim como os questionários aplicados às jornalistas e, por fim, as entrevistas realizadas com pessoas do convívio familiar e profissional/de militância de Lélia González trouxeram à tona os registros a respeito do pensamento, afeto e ações políticas que ela mobiliza, faz ganhar sentidos e o impulso que dá a novas conquistas. Trata-se de memória que “emerge de um grupo que ela [memória] une, o que quer dizer, como Hallbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 09). Também como uma postura de *vigilância comemorativa*, como pontua Nora, um tipo de vigilância que instaura *lugares de memória*, por meio dos quais minorias acabam por lançar mão, de modo a não terem suas memórias varridas pela história e podendo relançá-las como projeto de devir.

Todos esses *lugares de memória*, batizados pelo nome Lélia Gonzalez, não apenas lugares físicos, mas virtuais, bibliográficos, videográficos, intelectuais, simbólicos e emocionais, realizam o que cabe aos *lugares de memória*, segundo conceituados por Nora. Ou seja, são concebidos por meio de *vigilâncias comemorativas* e têm como razão fundamental “bloquear o trabalho do esquecimento” (NORA; 1993, p.22) e servir de alicerce ao presente e futuro.

Na experiência da militância negra não somente no Brasil, como também em outros países – como nas reflexões acerca do feminismo negro afro-americano, do feminismo negro latino-

americano, do feminismo negro diaspórico (BAIRROS, 1995; SANTOS, 2007; CARNEIRO, 2003; PERRY, 2009, CESTARI, 2014) –, percebe-se o desejo – na autoria dos textos referidos - de instaurar *lugares de memória*. Esse mesmo movimento vê-se também registrado em direção à Lélia Gonzalez, inclusive nomeando a necessidade de realçar, dentre outros pensadores e pensadoras, o seu patrimônio intelectual e de militância, como na obra de Luiza Bairros, a qual será tratada adiante, no item Lélia *griô*, nas dissertações e coletâneas elencadas. Nelas, que rememoram, debatem, resgatam e analisam a experiência sócio-histórica, cultural e política de Lélia Gonzalez, encontram-se também marcas dessa *vigilância comemorativa*.

Ainda, nas palavras da filósofa e militante negra, fundadora do *Geledés Instituto da Mulher Negra*⁹, Sueli Carneiro:

um sonho construir essa memória, me ocupar com essas coisas, facilitando, assim, que isso chegue facilmente às próximas gerações militantes. Essa é uma questão da maior importância, porque o pensamento desses intelectuais continua absolutamente imprescindível para conhecermos nossa trajetória como um povo vilipendiado e, sobretudo, para preservar a memória da resistência, que está na África e em todos os continentes. É inadmissível a gente não ter o trabalho de Lélia Gonzalez organizado numa publicação, disponibilizado na internet. Para mim, essa tarefa é parte de um desafio importante, de construção e preservação da nossa memória, a memória das nossas lutas, da nossa resistência no Brasil e no mundo. Essa é uma questão que ainda me mobiliza muito (CARNEIRO, Sueli in: BORGES, 2009, p. 99-100).



¹⁰ Neste artigo, utiliza-se a versão aportuguesada (*griô*) da palavra francesa *griot*. Definição da palavra francesa *griot* na Enciclopédia *Larousse*: “En Afrique noire, membre de la caste des poètes musiciens ambulants, dépositaires de la culture orale et réputé être en relation avec les esprits.” [Em versão livre ao português: “Na África negra, [griot] é o membro da casta de poetas músicos ambulantes, depositário da cultura oral e pessoa conhecida por ter relação com os espíritos”].

¹¹ “O material sobre Negr@s e Pensamento Social Brasileiro é resultado de um projeto de pesquisa da turma de Pensamento Social Brasileiro do curso de Administração da UFRGS de 2016, uma temática sugerida pelo próprio grupo de estudantes.” Disponível em: <https://admbrasileira.wordpress.com/2016/12/23/sobre-o-projeto-negros/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Triangulação de resultados: vigilância comemorativa e lugares de memória

Como *lugares de memória* centrais de Lélia González, foram identificados três núcleos:

- *Lugar de memória* ancestralidade;
- *Lugar de memória* afrocentralidade;
- *Lugar de memória* feminismo afrolatinoamericano.

a. *Lugar de memória* ancestralidade

Revisitar os *lugares de memória* (NORA, 1993) de Lélia González, observar e procurar compreender as diversas e múltiplas identidades dessa personagem histórica (Lélia intelectual e professora, Lélia militante, Lélia escritora e jornalista, Lélia mecenas das artes, Lélia política, Lélia *griô*) deve ser feito a partir de uma perspectiva de que os passos do movimento de mulheres negras no Brasil vêm de longe, inspirada no emblemático título do artigo de Jurema Werneck – “Nossos passos vêm de longe!” (WERNECK, 2010). Nesse artigo, a autora recupera que os movimentos de anti-racismo feminista liderados pelas mulheres negras e suas organizações partem de ideias-força da tradição afro-brasileira. Do substrato Iorubá, estão as representações de Nanã, Iemanjá, Iansã, Oxum e Obá. Da herança dos povos bantu, também se encontram modelos de mulheres firmes, assertivas e guerreiras.

A leitura de Werneck permite visualizar as mulheres negras brasileiras como lideranças desde as ações de combate à escravidão, de formação de quilombos, e as ações ligadas ao pós período colonial, atravessando séculos de resistência e permanecendo no atual século XXI. E, assim, nessa perspectiva, que é também sócio-histórica (BUTON, 2009), adentra-se nesse percurso em diálogo com as múltiplas identidades de Lélia Gonzalez, identidades nas quais a ancestralidade é uma constante.

Tão constante é a ancestralidade que Luiza Bairros, quando, em 2000, apenas seis anos após o falecimento de Lélia Gonzalez, publica “Lembrando Lélia Gonzalez” (BAIRROS, 2000), refere-se a ela como “um antigo ‘griot¹⁰’”:

Havia uma aldeia. Um dia chegou a essa aldeia uma amazona de torço estampado de esperança, montada num cavalo negro como nossa ancestralidade. E ela, como um antigo “griot”, contava e contava histórias. Histórias das mulheres guerreiras, histórias dos Núbios, de civilizações egípcias cor da noite que construíram a base da humanidade. Contava história de Nani, no centro da América defendendo seu povo (BAIRROS; 2000, p.01).

Lugar de memória, ancestralidade perceptível na forma como muitos projetos homenageiam Lélia, a exemplo do texto de abertura do Portal “Pensamento Social Brasileiro e ADM”, que possui uma página dedicada a ela no Menu “Negros no Pensamento Social Brasileiro¹¹”, também a apresentando como “griot”:

A iniciativa de colocar o pensamento de Lélia Gonzalez para você, através desse sítio, desse portal (que, com certeza, ela gostaria de chamar aldeia) é um dever para com a ancestralidade — passada e futura,



pois Lélia representou “a” griot que conta histórias verdadeiras para seu povo (Pensamento Social Brasileiro e ADM, 2016).

b. Lugar de memória afrocentralidade

“Paredes cercadas de livros”, assim recorda a historiadora Melina Marques, neta de Lélia, por nós entrevistada, sobre o ambiente na casa da avó Lélia:

Aquela cortina de miçangas. E aí a gente achava aquilo mágico, que você andava e fazia barulho. Aquele dlin-dlin-dlin, não é? Aquilo era muito legal. Aí você já chegava, entrava para o escritório e eram paredes e paredes de muitos livros, com o escritorzinho lá para sentar, para escrever, e a cadeirinha lá. E ficávamos eu e meu irmão... tipo, tinha um sofazinho. Não lembro se a TV era lá, lembro muito dessa coisa de ficar desenhando e escrevendo nos papéis em branco que ela dava, aquelas folhas de papel ofício (MARQUES, 2009).

A partir desse recanto cercado de livros e, muitas vezes, cercado de muitas pessoas em infindáveis reuniões do MNU na casa de Lélia, como rememoram dois dos entrevistados, Rubens Rufino, filho de Lélia, e Domingos Olímpio, artista e militante negro que conviveu com Lélia (RUFINO, 2019 e OLÍMPIO, 2019), abre-se uma ponte para o lugar das intelectuais negras enquanto pensadoras de um lugar de fala da experiência de ser negra:

Reconhecemos, assim, a importância de inúmeras intelectuais, escritoras e pesquisadoras negras, com intervenções político-acadêmicas descolonizadoras: Lélia Gonzalez, Matilde Ribeiro, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Miriam Alves, Luiza Bairros, Patrícia Hill Collins, Bell Hooks, Grada Kilomba, dentre outras que pensam sua condição e as políticas de

dominação a partir do lugar epistêmico (FREITAS; 2017, p. 215).

O *modus operandi* de Lélia Gonzalez pensadora revela uma intelectual certa no seu processo de produção. Relata Rubens Rufino que as suas leituras eram por ciclos de interesse, transpondo autoras e autores conforme o tema central de estudo. Lembra-se também que ela escrevia de forma precisa, em ritmo de noites adentro, mas com uma força definitiva a cada conclusão de texto.

Por volta da idade de 15 ou 16 anos até os 21 anos de idade, o jovem filho foi o datilógrafo de Lélia. Pergunto a ele: “*Essa sua experiência de datilografar os trabalhos, os textos da sua mãe. Então você pode me dizer que tipo de editora era ela? Do tipo, ela escrevia e você datilograva e pronto? Ou ela ficava editando, mudando, repensando? Trocando palavras? Como que era esse modo de produção dela?*” Ao que respondeu:

Ela escrevia e aí fazia algumas correções e daí passava pronto para eu datilografar. Algumas vezes, eu não lembro. Ela entrevista... ela gravava, e ela mesmo... pegava e escrevia. Então, geralmente, quando passava para mim já vinha pronto. É muito difícil ela mudar o que ela tinha escrito para eu datilografar. Então era muito raro alguma coisa assim. Porque assim, ela era muito convicta daquilo que ela falava. Então, as ideias dela eram muito firmes. Então, quando ela começava a escrever e ainda que ela mudasse uma palavra ou outra, mas já dando. Mas ainda me dava escrito. É quando passava para a máquina, ela dando mexida na hora (RUFINO, 2019).

Na produção intelectual de Lélia González, sedimentaram-se conceitos muito ancorados em uma *ideologia da libertação* – que Lélia relata ter buscado em Molefi K. Asante (GONZALEZ, 1988c)



– que, por sua vez, nasce em uma perspectiva afrocentrada, também, segundo Lélia, inspirada em Asante. Assim, atrás do tilintar da cortina de miçangas que ressoa nas memórias da neta historiadora, visualiza-se um *lugar de memória* afrocentralidade. Componentes desse *lugar de memória* afrocentralidade emergiram, inclusive, nos questionários dirigidos às jornalistas negras, por meio das palavras e termos, como amefricanidade, interseccionalidade, pretuguês, mulherio e perspectivas afrocentradas:

[Lélia Gonzalez significa para mim...] “sem dúvida, uma inspiração no feminismo negro (ativismo) e no meio acadêmico: o pretuguês, as categorias sobre mulheres negras da AL [América Latina] são essenciais para a minha pesquisa e mesmo para o ativismo. Dessa forma, foi essencial para minha vida pessoal” (jornalista Pereira, Sernegra 2018).

[Lélia Gonzalez significa para mim...] no campo teórico, o conceito de “pretuguês” e “mulherio” são os que mais me marcaram devido ao protagonismo das mulheres negras, seja na incorporação do português como língua e também na união das mulheres negras. No campo político, a criação do MNU, pautar a questão racial nos partidos de esquerda (jornalista Quirino, Sernegra, 2018)

[Lélia Gonzalez significa para mim...] “inspiração para uma jornada acadêmica e militante afrocentrada e feminista, com perspectiva negra e indígena” (jornalista Nunes, 2018).

O *Lugar de memória* afrocentralidade pode ser percebido também em termos de afrocentralidade dos movimentos de

resistência do povo negro e que agora também se encontra presente entre as jornalistas negras da pesquisa - movimentos de resistência sobre os quais referia-se com frequência, como em sua produção em coautoria com Hasenbalg (1982). Complementarmente, a sua experiência e atuação pode ser melhor lida e compreendida se visualizada no entrelaçar sócio-histórico do que a autora Cecília Bizerra de Souza, em dissertação sobre a atuação dos movimentos negros, nomeou como *organização coletiva da população negra* (SOUZA, 2014).

O relato da autora recupera um processo de resistência e luta da população negra brasileira que remonta ao início da escravidão, quando os povos africanos foram tomados por instrumentos de trabalho: como os animais (que, uma vez não seguindo as instruções são castigados) e as mercadorias (as quais podem ser adquiridas ou vendidas ao bel-prazer dos proprietários). Segue a autora discorrendo sobre outros processos de resistência que perpassam o movimento abolicionista, a imprensa negra e iniciativas institucionais e legislativas em defesa da população negra, tais como a Frente Negra Brasileira (FNB), a União dos Homens de Cor (UHC), a Lei n. 1.390/1951 (Lei Afonso Arinos) e o Teatro Experimental do Negro (TEN). O TEN foi criado em 1944, no Rio de Janeiro, e Lélia também fez parte desse importante movimento.

Lugar de memória afrocentralidade transparece também quando, em movimento para apreender a ancestralidade, Lélia mergulhou nos estudos de psicanálise. Desejou compreender melhor a ancestralidade dos povos negros, tendo sido, inclusive, a fundadora do Colégio Freudiano no Rio de Janeiro. O *Lugar de memória*



¹² Em um dos artigos nos quais Lélia desenha a categoria Amefricanidade (GONZALEZ, 1988c), evidencia que ela parte da perspectiva afrocentrada – “afrocentricity” – de Molefi Kete Asante, ao concordar com ele que as ideologias de libertação devem derivar da experiência histórica e não podem ser externas nem impostas.

ancentralidade é perceptível, de forma fundamental, no ancoradouro da *afrocentricidade*¹² que Lélia buscara em Molefi K. Asante (1988 apud GONZALEZ, 1988c), a quem ela identifica como “criador da perspectiva afrocentrada”.

c. Lugar de memória epistemologia do feminismo afrolatinoamericano

“Coragem de afrontar”, assim a jornalista negra Cary (Sernegra, 2018) define o significado de Lélia Gonzalez, ao responder o questionário da pesquisa. O substantivo coragem (ou similares) e o verbo afrontar (ou similares) aparecem nos depoimentos de outros de nossos entrevistados, como o de Rubens Rufino, Melina Marques e da jornalista Silva (Sernegra, 2018).

Lélia, em entrevista ao Jornal do MNU, edição de maio/junho/julho de 1991, assim se mostra:

No meio do movimento das mulheres brancas, eu sou a criadora de caso, porque elas não conseguiram me cooptar. No interior do movimento havia um discurso estabelecido com relação às mulheres negras, um estereótipo. As mulheres negras são agressivas, são criadoras de caso, não dá para a gente dialogar com elas, etc. E eu me enquadrei legal nessa perspectiva aí, porque para elas a mulher negra tinha que ser, antes de tudo, uma feminista de quatro costados, preocupada com as questões que elas estavam colocando. Agora, na própria fala, na postura, no gestual, você verificava que a questão racial era... Isso a gente já discutiu muito e a experiência mais positiva que eu tive foi num encontro na Bolívia promovido pelo MUDAR (Mulheres por um Desenvolvimento Alternativo), uma entidade internacional que foi criada um pouco antes do encerramento da década da mulher em 1985. Foi ali, pela primeira vez, que eu encontrei um tipo de eco, uma

maturidade por parte do movimento, no sentido de parar e refletir sobre as questões que a gente coloca enquanto mulher negra, a dimensão racial que está presente em tudo e você não pode fingir que ela não existe (GONZALEZ, 1991).

A jornalista e militante negra Silva (Sernegra, 2018), participante da fundação, em 1981, do Movimento Negro Unificado no Distrito Federal (MNU-DF), recorda: “Lélia foi a primeira mulher negra escritora que eu li [livro “Lugar de Negro”, de coautoria de Lélia González e Carlos Hasenbalg] e foi uma leitura determinante no meu processo de conscientização, enquanto negra, enquanto mulher” (SILVA, 2018). Embora afirme que conheceu o seu pensamento a partir do momento em que iniciaram os estudos em centro precursor do MNU-DF, veio a se encontrar pessoalmente com Lélia fora do DF, nos encontros nacionais do MNU.

O movimento contemporâneo de mulheres negras emergiu no bojo da luta feminista e anti racista da década de 70. Constata-se que a presença mais organizada das mulheres negras no movimento feminista em nível nacional e continental a partir de 1985 tem colocado em cena novas questões. Ao longo dos anos, foram realizados onze Encontros Nacionais Feministas (ENF) ocorrendo nos três últimos (Garanhuns/87 Bertioga/89 e Caldas Novas/91) o crescimento do número de participantes assim como a presença efetiva de setores que passam a ter interferência neste movimento como as mulheres dos movimentos sindical popular e negro. No âmbito da América Latina e Caribe essa mesma ampliação tem ocorrido a partir do terceiro (Bertioga/85 Taxco/87 San Bernardo/90 e El Salvador/93) de um total de seis Encontros Feministas Latino americanos e do Caribe (RIBEIRO, 1995: 447).



Embora diversos estudos sobre a história do feminismo latino americano ou afrolatinoamericano associem essa corrente do feminismo tão somente ao pensamento decolonial e perpassem sem referenciar o pioneirismo de Lélia Gonzalez, ainda mesmo na nomeação desse feminismo *Afrolatinoamericano* (GONZALEZ, 1988; CARDOSO, 2014), há estudos de revisão densos, como o da antropóloga Keisha-Khan Perry, do Departamento de Estudos Africanos da *Brown University*, Estados Unidos, que reconhecem e destacam o seu protagonismo. Perry (2009) situa o pioneirismo de Lélia em um cenário de feminismo negro diaspórico (SANTOS, 2007) na América Latina. Insere esse feminismo em um processo que envolve o pensamento feminista da diáspora negra e o ativismo das mulheres negras em uma escala global. Como exemplo desse processo, no que diz respeito ao pensamento feminista da diáspora negra na América Latina, Perry aproxima as experiências de Lélia Gonzalez, Brasil, e Cláudia Jones, Peru:

A teorização da necessidade de uma agenda feminista negra nas Américas encoraja-nos a examinar a linhagem de uma abordagem transnacional do feminismo latino-americano. A feminista negra brasileira, antropóloga e ativista do Movimento Negro Lélia González, em seu ensaio de 1988 "Por um Feminismo Afro-Latino-Americano", pede a organização transnacional de mulheres descendentes de africanos na América Latina. González foi uma ativista do Movimento Negro Brasileiro que ajudou a organizar o movimento de mulheres negras nos anos 80. Seus escritos se assemelham às ideias de Claudia Jones, que entendia as mulheres negras como tendo uma subjetividade e militância distintas, e assim imaginou uma resposta diaspórica à exploração das mulheres negras (PERRY; 2009).

No que pese o papel das feministas latino americanas da diáspora negra, Perry afirma, no entanto, que as feministas negras da América Latina são comumente esquecidas e negligenciadas nos estudos sobre mulheres negras nas Américas. Remarca-se o pioneirismo de Lélia ao nomear o feminismo afro-latino-americano e resistir frente ao apagamento da história e memória do feminismo latino americano da diáspora negra.

Lélia defendia que vivíamos em uma América, o que era uma espécie de convocação aos irmãos das Américas para que se juntassem em torno do que ela considerava a categoria africanidade. Esta significa o espaço de abarcar as vivências históricas de todos que partiram do outro lado do Atlântico - ou seja, da África - para o lado de cá do Atlântico, as Américas, em uma visão mais ampliada, não somente com referência ao Brasil (GONZALEZ, 1988c).

Luiza Bairros (2000: 9) reforça essa sua visão ampla do continente e liderança do feminismo afrolatinoamericano no Brasil com a seguinte afirmação: "Até a metade dos anos 80, Lélia talvez tenha sido a militante negra que mais participou de seminários e congressos fora do Brasil, sempre levando um discurso forte, provocativo e emocionado sobre a política racial brasileira, contribuindo para revelar a democracia racial como mito".

Um ponto chave na estruturação dessa sua imagem militante foi o Projeto Memória Lélia Gonzalez. Para compreender melhor a dimensão e, inclusive, a idealização e detalhes da realização do projeto, tem-se esse trecho da entrevista com Schumar Shumahr:



¹³ SOARES (2009) acrescenta no mesmo estudo, que é sua tese de doutorado em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas, que há uma disputa de nomeação sobre as origens do MNU. Relata Claudete Soares: “Existe uma versão da história de formação do MNU (Movimento Negro Unificado) que o apresenta como resultado de um projeto originado no interior da Convergência Socialista (antes Liga Operária), a partir da ação de um grupo de militantes negros inseridos nessa organização: o Núcleo Negro Socialista. Essa versão, defendida por Gevanilda Santos (1992, 1995), faz parte das disputas por significado que caracterizam os movimentos sociais. Ela vincula fortemente a origem do MNU à esquerda e sustenta que, em sua concepção original, esse movimento deveria ser uma frente contra todas as formas de discriminação que incluiria negros, mulheres e indígenas.” (SOARES, 2009:50).

Eu acredito que começou a haver um reconhecimento maior do trabalho dela, porque ela passou a ser mais conhecida não só no meio acadêmico e no meio do Movimento Negro, no movimento de mulheres. E o Projeto [Memória Lélia Gonzalez] fez com que algo mais importante, para mim, que os jovens comessem a se interessar pelo trabalho dela. Isso para mim foi muito marcante.

“De punho cerrado”, assim a neta Melina Marques, em entrevista que nos concedeu, sintetiza as fotos que mais vê circular da avó Lélia Gonzalez: “É sempre punho cerrado, aquela coisa da força, da unidade, da resistência” (MARQUES, 2019). As fotos foram feitas, em sua maioria, afirma, pelo fotógrafo negro, amigo de Lélia: Januário Garcia. Este fato foi também confirmado, em entrevista, por Rubens Rufino (2019) e pela idealizadora do Projeto Memória Lélia Gonzalez, Schuma Schumacher (2019): foi pelas lentes do fotógrafo Januário Garcia que foi feita a maior parte das suas fotos nos eventos, reuniões do MNU, grupos culturais e campanhas políticas.

Faz-se necessário compreender a emergência da dimensão militante de Lélia Gonzalez no complexo contexto de resistência que envolve período militar, luta pela redemocratização e conjunto de entidades relacionadas à militância negra, entre o fim dos anos 1970 e a década de 1980, processo no qual surgiu o MNU:

A década de 1970 foi um período de construção e descoberta da identidade racial e de suas possíveis formas de manifestação. Isso explica a profusão de organizações de cunho cultural que caracterizou o movimento negro nesta década: IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras) do Rio de Janeiro (1975), SINBA (Sociedade de Intercâmbio Brasil-

África) (1974), também do Rio de Janeiro, CECAN (Centro de Cultura e Arte Negra) de São Paulo (1974), para citar apenas três das entidades negras que emergiram e se organizaram em várias regiões do país. Cf Alberti e Pereira (2007), Yedo Ferreira foi militante do Partido Comunista na década de 1960 e fundador de entidades do movimento negro, como a Sinba (Sociedade de Intercâmbio Brasil- África), o IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras) e do MNU (Movimento Negro Unificado). Cf Alberti e Pereira (2007), Zélia Amador foi uma das fundadoras Cedenpa (Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará). Quando no final desse período (1978), a fusão de algumas dessas entidades (Moura, 1980, Hanchard, 2001) deu origem ao MNU¹³ (Movimento Negro Unificado), o movimento negro ganhou uma dimensão mais política, assumindo a árdua tarefa de desconstrução do mito da democracia racial que impossibilitava a constituição da raça em princípio de organização política. Esse movimento teria que demonstrar a falsidade da democracia racial brasileira e reconstruir a identidade negra subsumida na identidade nacional com o objetivo de criar elo de ligação entre ele e a população negra (SOARES, 2009, p. 49).

Um dos entrevistados, o artista plástico Domingos Olímpio, conviveu com Lélia González nesse período, entre os anos de 1978 e 1989, quando a casa dela, no Rio de Janeiro, tornou-se, à época, um espaço chave na organização do MNU. O relato de Domingos coincide com o de Rubens Rufino:

Olha, isso aí começou foi muito na época da fundação do Movimento Negro. Começou as reuniões – ocorriam lá em casa –, tinha as reuniões do movimento negro e as reuniões das mulheres negras. Isso foi... tinha 16-17 anos quando começou, fora outras coisas que também participava com ela, que ela me levava. Por exemplo tinha... eu não me lembro com que frequência, mas pelo menos uma vez aos sábados, no Teatro Opinião lá no Rio de Janeiro, aí no Copacabana



¹⁴ Instituto de Educação Lélia Gonzalez. Disponível em: <https://leliagonzalez.blogspot.com/2011/03/so-animacao.html>. Acesso em: 22 jun.2019.

¹⁵ ONG Memória Lélia Gonzalez. Disponível em: www.leliagonzalez.org.br. Acesso em: 25 nov. 2018.

¹⁶ Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez, em Goiânia, Go. Disponível em: <https://leliareferencia.blogspot.com/>. Acesso em: 22 jun.2019.

– o Teatro Opinião era aonde se reuniam os negros – a gente chamaria intelectuais e tal, artistas e tal; e fazia reunião para discutir, debater o movimento negro. E ela – quando tinha oportunidade, eu participava também – , ela me levava para começar a entender como é que era esse processo todo. Foi muito interessante também. Já isso, a próxima, até com 15-16 anos, eu comecei ela me passar essas coisas de movimento (RUFINO, 2019).

Além desses três *lugares de memória* centrais da Lélia González, identificados por meio da triangulação dos resultados alcançados pela pesquisa, outros surgiram em menor importância: eventos dedicados especificamente a ela (por exemplo, “Semana Lélia Gonzalez”, organizada pela Fundação Cultural Palmares/MINC em 2014); espaços públicos com sua referência (a exemplo do edifício da Organização das Nações Unidas em Brasília, do “Colégio Estadual Lélia Gonzales”, no bairro de Ramos, Rio de Janeiro; do “Instituto de Educação Lélia Gonzalez¹⁴”, em Aracaju, Sergipe; do Laboratório de Licenciatura em Ciências Sociais do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília); premiações (como o “Prêmio Lélia Gonzalez – Protagonismo de Organizações de Mulheres Negras”, promovido pelas antigas Secretaria de Promoção de Políticas de Igualdade Racial e Secretaria de Políticas para as Mulheres); bibliotecas digitais ou físicas (a título de ilustração, “Memória Lélia Gonzalez¹⁵”; “Centro de Documentação Lélia Gonzalez”; “Biblioteca Lélia Gonzalez”); cursos e formações; coletivos ou movimentos sociais (por exemplo, o “Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez¹⁶”).

Considerações Finais

Após esse processo de investigação, partindo de uma perspectiva de estudos de gênero e de um olhar a partir da interseccionalidade, foi-se lentamente desenhando uma cartografia em busca de se verificar de que forma as importantes referências a Lélia González, acionadas inicialmente pelas jovens jornalistas negras do Sernegra 2018, Etapa 2, eram núcleos de sentido a pensamentos, ações e sentimentos não apenas para elas. Para tanto, buscou-se, simultaneamente, compreender se tais aspectos, características e dimensões de Lélia González teriam sido, ou não, evocados por familiares e militantes de seu círculo de conhecimento em vida, examinados por estudos acadêmicos, produção videográfica e acervo digital. Todo esse conjunto diverso de materiais foi colocado em diálogo, proporcionando a tessitura interseccionada de lugares de memória neles presentes.

A utilização da triangulação metodológica, que constituiu cada observação comparada e interconectada às demais das etapas da pesquisa, foi fundamental para possibilitar a apreensão da regularidade e força expressiva de memórias (feminismo negro, militância, intelectualidade negra), assim como para indicar ausências ou intermitências de memórias (vinculação e atuação político-partidária de Lélia González, por um lado, e dimensão de curadoria de arte negra, por outro lado).

Esse conjunto, complexo, permitiu visualizar os 3 principais *lugares de memória* (*Lugar de memória ancestralidade; Lugar de memória afrocentralidade; Lugar de memória feminismo*



afrolatinoamericano) citados no decorrer do artigo, que atuam, juntamente com outros lugares de memória menos referenciados pelos dados coletados, para o combate ao seu esquecimento. Do mesmo modo, atuam para dar suporte ao entendimento de saberes e práticas atuais em relação ao enfrentamento ao sexismo e racismo na nossa sociedade, bem como para dar suporte a projetos futuros. Trata-se de lugares de memória que tornam Lélia González viva, atual e ainda participante de sonhos a serem realizados por gerações mais velhas e, também, mais jovens de militantes negras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tânia Mara C. 'Gênero' e 'raça' nas relações e desigualdades sociais - noções preliminares. In: Lourdes Bandeira; Mariza Motta; Edson Farias. (Org.). *Encontros com a Sociologia*. 1ed. Brasília: Selo SOL, 2019, v. 1, p. 53-77.

ALZÁS, Teresa; GARCÍA, Luis M. Casa. La evolución del concepto de triangulación en la investigación social. *Revista Pesquisa Cualitativa*. São Paulo, v.5, n.8, p.395-418, 2017.

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. *Textos de História: Revista da Pós-Graduação em História da UnB*. Brasília, v.8, n.1e 2, pp. 113-138, 2000.

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez. *Revista Afro-Ásia*, UFBA, nº 23, 2000.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras*, v. 3, n. 2, p. 458-463, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos. A transversalidade de gênero nas políticas públicas. *Revista do Ceam*. v.2, n. 1, pp 35-46, 2013. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/10075/8901>. Acesso em: 25 out. 2018.

BORGES, Rosane da Silva. *Sueli Carneiro: Retratos do Brasil Negro*. São Paulo: Summus/Selo Negro Edições, 2009.

BUTON, François. Portrait du politiste en socio-historien: La "socio-histoire" dans les sciences politiques. In F. Buton, N. Mariot (Orgs.), *Pratiques et Méthodes de la Socio-Histoire* (pp. 1-22). Paris: PUF. 2009.

CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença. Raça e Mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*. v. 8, n. 2, 2000, pp.1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11922/11177> . Acesso em: 05 dez. 2017.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização dos estudos sobre a mulher negra. Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. *Revista da ABPN*. v.1,n.1, mar-jun 2010, pp. 18-27. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/304-1-567-1-10-20170410.pdf>. Acesso em 30 jan. 2016.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo. A situação da mulher negra na América Latina, a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CESTARI, Mariana Jafet. Sentidos e memórias em luta: mulheres negras brasileiras no III Encontro Feminista Latinoamericano e Caribenho (1985). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [Online], Workshops, Online since 26 November 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/67403> Acesso em: 03 set 2018.

CRENSHAW, Kimberle. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. University of Chicago Legal Forum, 1989. Disponível em: < <https://philpapers.org/archive/CREDTI.pdf> >. Acesso em: 11 mar. 2018



Dione Oliveira Moura
Tânia Mara Campos de Almeida

CRENSHAW, Kimberlé Williams. *Mapping the margins: intersectionality, Identity Politics, and violence against women of color*. In: FINEMAN, Martha Albertson; MYKITIUK, Rixanne (Eds.). *The Public Nature of Private Violence*. New York: Routledge, 1994, pp. 93-118. Disponível em: <https://www.racialequitytools.org/resourcefiles/mapping-margins.pdf>. Acesso em: 03 mar 2018.

DE LAURETIS, Teresa. Feminist Studies/Critical Studies: Issues, terms, and contexts. In T. De Lauretis, (ed.), *Feminist Studies/Critical Studies* (pp. 01-19). Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1986.

FREITAS, Idalina Maria Almeida. A produção intelectual de mulheres negras: fontes bibliográficas, escritas de si e escritas da história. *História e Cultura*. Franca, v.6,n.3, p. 213-229, 2017. Disponível em: <https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2226/2086>. Acesso em: 05 jun 2019.

GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Index, 1987.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra. *Mulherio*. São Paulo, ano 1, nº 3, 1981, p. 4.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GONZÁLEZ, Lélia. “For an Afro-Latin Feminism”. *Confronting the Crisis in Latin America: Women Organizing for Change*. Isis International & Development Alternatives With Women For a New Era, 1988a: 95-101.

GONZALEZ, Lélia. Nanny, *Humanidades*, Brasília, v. 17, ano IV, 23-25,1988b.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria Política e Cultural de Amefricanidade. *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.92/93 (jan/jun), pp 69-82, 1988c.

GONZALEZ, Lélia. Homenagem a Lélia Gonzales: Lélia fala de Lélia. *Estudos Feministas*. n.2, pp. 383-386, 1994. [Nota dos Editores: Extraído de depoimento dado a Carlos Alberto M Pereira e Heloisa Buarque de Hollanda, publicado em Patrulhas Ideológicas. São Paulo' Brasiliense, 1980]

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia González, em primeira pessoa*. São Paulo, UCPA, 2018.

LEMOS, Rosália de Oliveira. Os feminismos negros: as reações aos sistemas de opressões. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 185, outubro, pp.12-25, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Proj. História*. São Paulo, n.10, dez. 1993.

PERRY, Keisha-Khan Y. The Groundings with my Sisters: Toward a Black Diasporic Feminist Agenda in the Americas. *S&F Online. The Scholar and Feminist Online*. The Barnard Center for Research on Women. v.7.2, Edição especial “Rewriting Dispersal: Africana Gender Studies. Primavera, 2009.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. Coleção Retratos do Brasil Negro. São Paulo: Selo Negro/Summus, 2010.

RIBEIRO, Matilde. Mulheres negras brasileiras: de Bertiooga a Beijing. *Revista de Estudos Feministas*. v. 3, n.2/1995. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1077_1824_ribeiromatilpagu.PDF. Acesso em: 28 maio 2019.



SANTOS, Sonia Beatriz dos. "Feminismo Negro Diaspórico". *Gênero* 8, no. 1 (2007): 11-26. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/157/100>

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Mulheres Negras do Brasil*. Rio de Janeiro: Senac/Redeh, 2007.

VIGOYA, Mara Viveros. La interseccionalidad: una aproximación situada a la dominación. *Debate Feminista*. v.52, pp. 1-17, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0188947816300603>. Acesso em: 20 mai 2019.

Teses e Dissertações

BATISTA, Wagner Vinhas. *Palavras sobre uma historiadora transatlântica. Estudo de trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento*. (Doutorado). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Aplicados. Universidade Federal da Bahia, 2016.

BARRETO, Raquel. *Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, PUC/Rio, 2005.

BRITO, Ires Dos Anjos. *Revisitando os percursos intelectuais e políticos de Beatriz do Nascimento e Lélia Gonzalez*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, 2012.

CHAVES, Marjorie Nogueira. *As lutas das mulheres negras: identidade e militância na construção do sujeito político*.

(Dissertação). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, 2008.

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Salvador, UFBA, 2012.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*. v. 22, n. 3, pp. 965-986, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2014000300015&lng=pt&tlng=pt Acesso em: 21 out. 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo*. A situação da mulher negra na América Latina, a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

FERNANDES, Ana Carolina Reis. *Vozes subalternas: produções de autoria feminina na pós-colonização do Brasil*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de São Paulo. 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144663/fernandes_ac_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 18 nov. 2018.

MOREIRA, Núbia Regina. *O feminismo negro brasileiro: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo*. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

OLIVEIRA, Rosália Lemos de. *Feminismo negro em construção: a organização do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Rio de Janeiro, 1997.

SOUSA, Cecília Bizerra. *Comunicação e Igualdade Racial: Atuação de movimentos negros na 1ª Conferência Nacional de Comunicação*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Brasília, 2014. Disponível em:



Dione Oliveira Moura
Tânia Mara Campos de Almeida

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16032/1/2014_CeciliaBizerraSousa.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

TEIXEIRA, PATRICIA. *A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero: a coleção Lélia Gonzalez e o Projeto Memória*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2017.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990*. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em História Comparada. IFCS/UFRJ, 2006.

Outras fontes

ALMA PRETA JORNALISMO. *Lélia floresce. Livro inédito em primeira pessoa é lançado em São Paulo*. Alma Preta Jornalismo. 24 jul. 2018. Disponível em: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/lelia-floresce-livro-inedito-em-primeira-pessoa-e-lancado-em-sao-paulo>. Acesso em: 25 mai 2019.

MNU JORNAL. *Entrevista Lélia González*. Nº 19 - maio/junho/julho de 1991 (páginas 8 e 9). Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-lelia-mnu.pdf>. Acesso em: 21 jul 2020.